



## XXXV SALÃO de INICIAÇÃO CIENTÍFICA

6 a 10 de novembro

<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2023: SIC - XXXV SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2023
<b>Local</b>	Campus Centro - UFRGS
<b>Título</b>	Recolher vestígios para compor outra flora: o ato poético na obra de Edimilson de Almeida Pereira
<b>Autor</b>	JULIA D. AGOSTINI COELHO
<b>Orientador</b>	SIMONE ZANON MOSCHEN

*No cerne dos escombros, o tempo é duro e dele vem a hora: a hora de não morrer, torcida como um parafuso, prestes a fazer o movimento inverso, distorcendo-nos.* O foco investigativo desta pesquisa, inserida no campo aberto entre psicanálise e literatura, parte do livro *Um corpo à deriva: dança*, do poeta-pesquisador mineiro Edimilson de Almeida Pereira, que performa, em seu trabalho de memória e linguagem, o esforço do pensamento para não ceder a um discurso cristalizado, conformado com seu lugar de enunciação. Nossa hipótese é de que sua escrita, como golpe de real, abre caminhos em ato poético. Identificamos uma luta sem tréguas por recuperar passado e futuro, traduzindo o horror na intenção de produzir outra palavra, ainda não enunciada, impossível de decifrar. A travessia do livro nos conduz à beira do abismo, ali onde o escritor empurra para queda vertiginosa, ensina a alçar voo, ao localizar o paradoxo da linguagem: por ser um vazio, uma terceira margem à espera, ela é solidária. Quanto mais aponta para processos de fixação em lugares determinados pela sociedade, mais o poeta dança e faz soar sua voz acima do charco. A densidade da escrita de Edimilson revela um intelectual sensível que construiu para si um lugar ético e estético na encruzilhada, onde contempla a dimensão política de denúncia da violência e a pulsão poética da linguagem (Hartman, 2021; Martins, 2021). Buscamos propor uma articulação entre materialidade linguística do texto e efeitos performativos que o romance produz no leitor (Felman, 2020). Destecendo heranças, Edimilson trabalha linguagem, engendrando possibilidade de deslizar sentidos, desfazendo nós que amarram e silenciam, (re)formando o tecido social. No litoral entre este mundo e um porvir, parece-nos que o poeta abre caminhos para outros (im)possíveis, refletindo a luz insinuativa que segue a tempestade no mar ainda em desordem.